

«Mágico... Um tributo encantador ao poder das histórias.»

Kirkus Reviews



LIVRO SECRETO

de

FLORA LEA

BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

NOMEADO PARA OS GOODREADS CHOICE AWARDS

PATTI CALLAHAN

HENRY

TOP
SEL
LER

*Dedicado às indómitas e sábias mulheres da Friends and Fiction,
Mary Kay Andrews, Kristin Harmel,
Kristy Woodson Harvey e Meg Walker*

*E disse o rio: imagina tudo o que conseguires imaginar,
e depois vai mais além...*

MARY OLIVER

CAPÍTULO 1

Não há muito tempo e não muito longe daqui, existiu e ainda existe um lugar invisível que está mesmo ao nosso lado. Se nasceres ciente disso, encontrarás o teu caminho pelo bosque até às portas cintilantes que abrem para o mundo que foi criado única e exclusivamente para ti.

HAZEL MERSEY LINDEN, 1939

Outubro de 1940
Binsey, Oxfordshire

Numa manta vermelha, junto ao rio, Flora Lea Linden, de 6 anos, acorda sozinha sob uma cúpula de céu azul e, à sua volta, o canto dos pássaros. *Alguém chamou por mim?* Olha em redor, para a imensidão verde, para as águas agitadas do rio Tamisa que se contorcem até quase galgarem as margens, arrastando para o mar tudo e todos aqueles que se atrevem a entrar na sua corrente.

O rio avança em direção a Oxford, onde os estudantes entram e saem numa roda-viva dos gabinetes dos professores, numa encumeada de torres que montam guarda a ruas calcetadas. As águas dobram-se e curvam-se sobre si mesmas, ganham força, fustigam os muros de pedra e as esclusas de Inglaterra até chegarem a Londres, onde as bombas caem nas ruas da cidade trazendo consigo a ruína, onde catedrais fumegantes e casas destruídas cobrem o rio com as suas brasas e cinzas.

Alguém chamou por mim? Flora senta-se e esfrega os olhos. Não está propriamente sozinha. Tem o *Berry*, o seu ursinho de

peluche. E não tem medo. Porque haveria de ter? A sua irmã mais velha, Hazel, disse-lhe muitas vezes que estes bosques lhes pertencem, que a clareira sombreada e as poças sagradas e banhadas pelo sol onde as copas das árvores se apartam são um lugar seguro para as duas irmãs, criado só para elas.

Levanta-se e aproxima-se cautelosamente do rio. Hazel recusa-se a entrar com Flora no Bosque dos Sussurros, por isso não lhe resta alternativa senão ir sozinha. É seu! Não pode ser abandonado: o castelo cintilante e o bosque de amieiros, os esquilos tagarelas e as árvores animadas.

Hazel dissera a Flora que as luzes que brilhavam no rio eram estrelas e galáxias que corriam para encontrar o mar. Hazel proibira-a de se transformar no rio quando ambas se tornavam criaturas da floresta. E Flora tão-pouco deveria beber da sua água. Se o fizesse, dissera-lhe, não voltaria a encontrar o caminho de volta para a mãe ou para Bridie ou para o seu chalé acolhedor nos campos cobertos de urze.

Este rio encantador era — tal como a maçã da Bíblia — proibido.

Mas Flora não acredita que este belo rio estrelado possa ser perigoso. Agarra no *Berry* pela pata desgastada e peluda e aproxima-se ainda mais da corrente de água, entusiasmada com a sua ousadia. Ninguém sabe o que lhe poderá acontecer nesta aventura, nem em quem se poderá transformar.

Flora ouve uma voz próxima no bosque, uma voz familiar, mas decide ignorá-la.

O caminho para chegar até aqui foi por uma porta cintilante, e Hazel estava demasiado ocupada para a ver. O rio é o companheiro de Flora, o seu amigo, e essa intimidade faz com que ela se aproxime cada vez mais da sua margem.

Como Hazel nunca quer fingir que são coelhos, foi isso que ela decidiu ser hoje. Flora vai ser um coelho.

Olha para as águas agitadas do rio, à procura de estrelas, mas só vê lama e lodo, saliências de rochas alisadas pela corrente

sob a superfície. Desequilibra-se num declive encharcado e terroso, e as galochas escorregam-lhe onde as ervas acastanhadas de outubro se transformam em lama. Flora bate com o rabo no chão e ri-se.

Que aventura!

O *Berry* escorrega-lhe da mão quando as palmas e os dedos se cravam na terra molhada para não cair nas águas geladas. Aproxima-se e tenta agarrar o *Berry*. O ursinho está demasiado perto do rio.

— Está tudo bem — diz, enquanto lhe pega por uma pata, repetindo as palavras da irmã. — Este é o nosso mundo. Estamos sempre seguros no Bosque dos Sussurros.

CAPÍTULO 2

Março de 1960

Até Hazel Linden desatar a fita de veludo vermelho desgastada do portefólio encadernado em pergaminho, o seu último dia na Hogan's Rare Book Shoppe, em Bloomsbury, estava a ser tão normal como qualquer dia de trabalho passado a organizar, classificar e proteger o notável inventário da livraria — se é que podemos chamar normal a trabalhar com os livros e relíquias literárias mais raros e colecionáveis de Inglaterra.

Hazel executou cada detalhe do seu último dia de trabalho na livraria com alguma melancolia e até dramatismo. Seria a última vez que guardaria *O Hobbit* e a sua capa com a montanha coberta de neve na prateleira.

Seria a última vez que desfrutaria de um dia de março, pontuado por rajadas de chuva rápida e intensa, a partir do interior da livraria quente e pouco iluminada, com o seu mostruário de volumes encadernados em pele, por detrás de janelas altas e onduladas que se abriam para Charing Cross Road.

A livraria cintilava com paredes em tom de verde-escuro, que quase pareciam pretas, e arandelas de latão com os braços dobrados sobre as prateleiras. Havia fotografias de autores famosos em molduras pretas lacadas penduradas na parede atrás da caixa registadora. Uma mãe e uma filha — devotas de Jane Austen,

como Hazel lhes chamava —, ambas com calças impermeáveis de um vermelho-vivo, contemplavam embevecidas uma edição de *Orgulho e Preconceito* que nunca poderiam comprar. O aroma da pasta de papel, do pó e da história misturava-se com o doce aroma dos lilases, que ela tinha colhido no seu quintal e colocado numa jarra no balcão.

Observava tudo atrás da antiga caixa registadora, na sua minissaia nova a imitar Mary Quant que comprara na feira de Notting Hill, o cabelo castanho que lhe dava pelos ombros penteado numa franja em nada parecida com a fotografia que levava ao cabeleireiro. Sentia um ligeiro latejar atrás dos olhos. Não devia ter bebido o último *whisky* ontem à noite. (Era sempre o último *whisky* que a deixava em maus lençóis.) Mas a noite bem passada no *pub* com os colegas livreiros Tim e Poppy compensava a lassidão daquela manhã. Eles chamaram-lhe, morbidamente, o «velório de despedida de Hazel».

— Para nós, é como se tivesses morrido — declarou Poppy, por entre risadas. Seguiram-se aplausos e canecas levantadas num brinde ao seu novo emprego na Sotheby's. O cargo na equipa internacional de especialistas em livros raros e manuscritos da literatura inglesa era um emprego que todos desejavam, mas tinha sido Hazel a escolhida. Os seus colegas estavam a ser muito simpáticos. No seu lugar, ela estaria roída de inveja. Tim entrou na conversa.

— Mas tens de trabalhar com aquele energúmeno do Lorde Arthur Dickson, que é um cretino de primeira — rematou, fingindo estremecer.

Hazel abanou a cabeça e bateu ao de leve no ombro de Tim.

— Vai valer a pena para ter acesso a coleções privadas e aos leilões de Londres.

— Mas olha que não vai ser como na livraria. É tudo muito mais enfadonho e snobe — contrapôs Tim. — Connosco, a vantagem é que não há dois dias iguais. Garanto-te que não te vais divertir tanto como te divertias connosco.

— Tenho a certeza que não. Mas virei visitar-vos muitas vezes. Prometo. Não vou mudar de casa nem sair da cidade.

Poppy fez rodopiar a caneca de cerveja entre as palmas das mãos.

— Preferia ter ficado com a área de atlas e mapas.

— Não desistas — incentivou Hazel. — Pode ser que um dia consigas.

Poppy encolheu os ombros e deu um longo gole na cerveja.

— Raparigas como eu não vão trabalhar para a Sotheby's, apesar de já saber desde o dia em que entrei na Hogan's aquilo para o que estava destinada.

— Isso não é verdade — disse Hazel, que ainda tinha dúvidas em trocar a Hogan's pela Sotheby's.

Aceitar o emprego de sonho a trabalhar com coleções literárias raras implicava deixar para trás a segurança e o aconchego da livraria. Quando começou a trabalhar, pensava que seria uma paragem rápida, um primeiro trabalho após a universidade para pagar as contas até... até o quê? Nem ela sabia. Na Inglaterra do pós-guerra, ninguém sabia o que viria a seguir.

Agora, depois do seu último dia de trabalho, deixaria para trás a livraria e os seus queridos colegas: o proprietário idoso, Edwin Hogan, e o seu filho de 60 anos, Tim, que estava à espera de tomar conta da livraria há demasiado tempo. E também Poppy, a mais nova de todos, com 25 anos, que lá trabalhava desde os 18 anos. Ainda adolescente, Poppy tinha entrado tantas vezes na livraria, onde passava horas a folhear cópias antigas d'*As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, que Edwin finalmente lhe disse que tinha de começar a trabalhar lá ou deixar de aparecer. Só mais tarde é que Hazel descobriu que Poppy não andava a vadiar pela livraria; simplesmente não tinha para onde ir. Era uma órfã de guerra que tinha atingido o limite de idade e sido obrigada a abandonar a London Orphan School, perto de Hampshire. Passou a dormir em parques ou nos sofás de amigos que a acolhiam por algum tempo. Na altura, andava

à procura de emprego, mas ninguém parecia disposto a dar-lhe uma oportunidade.

Edwin deu-lhe uma nova vida. Ensinou-lhe o que tinha ensinado a todos eles: se despertassem o amor pelos livros preciosos e raros num cliente, não só conseguiriam fazer uma venda nesse dia, como teriam um cliente dedicado durante décadas. Poppy acolheu esses ensinamentos e agora vivia num apartamento de dois quartos com mais quatro mulheres e sonhava com o futuro.

Hazel prometeu aos três que os visitaria amiúde. Com efeito, considerava-os família.

— Hazel! — Ela olhou para cima. Edwin, com 92 anos, mas parecendo ainda mais velho, saiu a mancar da sala das traseiras, com a bengala prateada a marcar a sua passada familiar no piso de parquê. — Tem livros acabados de chegar na sala das traseiras. Por favor, registre-os e guarde-os no cofre.

Edwin não era dado a sentimentalismos, nem mesmo no seu último dia; mas ela sabia que por baixo daquela barba branca e dos olhos azul-água afilados batia um coração de manteiga. Vira isso mesmo nas palavras gentis que dirigiu a um cliente que precisava de vender a sua preciosa primeira edição de *A Importância de Ser Earnest*, de Wilde; na forma como salvou Poppy de uma vida nas ruas; nas lágrimas que lhe assomaram aos olhos quando viu os bisnetos a entrar na livraria, mesmo quando os admoestou com palavras duras: «Não toquem em nada com esses vossos dedos pegajosos.»

— Vou já tratar disso.

Aquela era a sua parte preferida do trabalho, desembrulhar e catalogar o que entrava pela porta das traseiras. Conferia cada volume no catálogo *Book Auction Reference*, encadernado em tecido vermelho, antes de começar a revelar um novo tesouro a cada puxão de fio ou rasgo de fita-cola. E embora esta fosse a última remessa que desembrulharia e a última vez que esperaria encontrar algo de valor nas caixas doadas por um velho professor, a verdade é que poderia muito bem encontrar livros ainda mais

raros na Sotheby's. Sorriu ao sentir o peso do seu novo emprego na maior leiloeira do mundo.

Ganhos e perdas. A verdade subjacente a quase todos os mitos: nascimento, morte, renascimento. Uma coisa morre, outra nasce. Troca-se um emprego antigo por um novo.

És tão dramática. Conseguia ouvir as palavras do seu amor, Barnaby, eivadas de admiração.

Pressionou a porta vaivém pintada de verde com a palma da mão no sítio de sempre. Ao fim de 15 anos, era possível que já houvesse ali uma impressão permanente, mas invisível.

Quatro pacotes de papel pardo e cordel estavam colocados em cima da mesa de pinho no centro da sala empoeirada. Para Hazel, aquela parte do trabalho era como o dia de Natal. Edwin tinha uma extraordinária capacidade de localizar volumes interessantes antes que qualquer outra pessoa soubesse que eles estavam disponíveis.

— Para sermos bons livreiros, precisamos de ter uma mente de investigador, saber que perguntas fazer e onde encontrar as respostas.

Um livro de registos grosso, de pele preta, estava aberto à esquerda dos pacotes. A escrita apertada de Edwin preenchia as linhas finas da grelha. Hazel demorara quase um ano a decifrar a sua caligrafia. Tinha sido como aprender a decifrar hieróglifos. Quanto tempo demoraria o próximo empregado a compreender Edwin tão bem como ela?

À direita de cada entrada no livro de registos desgastado havia duas colunas para as anotações de Hazel: qualidade e número de identificação. Ela catalogava as condições de tudo o que entrava pela porta das traseiras, atribuía um número de inventário, e depois guardava o artigo no cofre até que Edwin decidisse onde e como seria exibido. Hazel leu a lista.

1. Primeira edição de *Um Conto de Natal*, de Dickens;
2. Carta manuscrita de Hemingway a Fitzgerald, 1932;

3. Uma edição assinada (mas não a primeira) de *O Hobbit*, de Tolkien;
4. Uma primeira edição de *História da Filosofia Ocidental*, de Bertrand Russell, com a sobrecapa feita a partir de um mapa da Segunda Guerra Mundial;
5. Uma primeira edição autografada de um conto de fadas da autora americana Peggy Andrews com ilustrações originais pintadas à mão de Pauline Baynes.

Edwin adorava ilustrações originais, porque isso aumentava o valor dos livros com o passar do tempo. Quanto mais popular era o livro, mais as ilustrações originais se tornavam um objeto cobiçado pelos colecionadores. Mas ser uma primeira edição nem sempre era o mais importante. Sobretudo para Tim, o mais importante era a viagem do próprio livro. Tim valorizava todos os livros, não pelo seu número na ordem de impressão, mas pela narrativa de quem tinha lido, amado e até oferecido o próprio livro. O pacote com as ilustrações de Baynes intrigou-a, por isso Hazel decidiu guardá-lo para o fim.

Calçou um par de luvas brancas e passou meia hora a catalogar cada um dos objetos. A capa de tecido de *Um Conto de Natal*, de Dickens, estava ligeiramente rasgada no canto inferior direito e tinha sinais de descoloração no canto esquerdo da capa. Mas, à exceção destes pequenos defeitos, era uma edição maravilhosa que mereceria ser exibida na vitrina fechada da principal sala de exposições. Hazel anotou os factos no livro de registos e colocou o livro de parte. Abriu a carta de Hemingway, verificou se havia manchas ou rasgos, comparou as assinaturas com as originais que estavam nos arquivos. *O Hobbit*: em perfeito estado de conservação e, obviamente, guardado como um tesouro, não como um livro para ser lido e amado. Em seguida, o livro de Russell, um excelente exemplo de como, em consequência da escassez de papel que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, os mapas antigos haviam sido utilizados como sobrecapas. Este era um mapa

de Stettin, e incluía rotas e estradas claramente cartografadas, assim como um aviso: UTILIZAÇÃO EXCLUSIVA DOS MINISTÉRIOS DA GUERRA E DA MARINHA.

Hazel perdeu-se em pensamentos. Naquela noite, ela e Barnaby tinham um jantar combinado com a mãe, o padrasto e o meio-irmão. Conseguiria esquivar-se à estucha? Não, dissera-lhe Barnaby, antes de a beijar para que ela soubesse que estava do seu lado.

E depois disso: liberdade! Teria três semanas de férias maravilhosas antes de começar no novo emprego.

Tencionava desfrutar dos dias livres que tinha pela frente. Talvez apanhasse um comboio para a Escócia ou um ferry para a Irlanda. Poderia fugir para Brighton Beach e sentar-se numa esplanada com um livro, sem mais nada para fazer além de ler. No entanto, tinha feito apenas um plano concreto: uma viagem de uma semana com Barnaby a Paris. Hotel reservado. Bilhetes de ferry comprados. Beberia cocktails sofisticados em bares, não em *pubs*. Subiria à Torre Eiffel, passearia pelo Louvre e, com sorte, faria amor desenfreadamente no quarto de hotel com vista para as Tulherias. Tinha poupado todos os tostões para comprar dois vestidos novos, que já estavam pendurados no armário, à espera da viagem.

Primavera em Paris.

— Hazel? — A voz de Tim arrancou-a do seu sonho. O último pacote continuava fechado. — Está aqui uma pessoa à tua procura.

Ela seguiu pelo corredor escuro das traseiras até à sala principal e encontrou à sua espera um homem alto com um chapéu de feltro preto e um sobretudo a pingar de chuva. Ao seu lado, uma mulher de cabelo preto, vestida quase toda de vermelho, do casaco ao chapéu.

— Em que posso ajudar? — inquiriu Hazel.

— O meu colega da Foyles disse-me para vir cá e perguntar por si — disse o homem. — Disse-me que talvez estivesse a par de uma edição de autor dos poemas de Auden, de 1928. Espero que ele não se tenha enganado.

— Ah, o Tim diz sempre que o otimismo é uma qualidade essencial num colecionador de livros — declarou Hazel, com um sorriso confiante. Fez sinal para que ele a seguisse até ao canto de trás da sala de exposições, onde o panfleto vermelho estava fechado a sete chaves.

A mulher deixou-se estar onde estava e Hazel mal voltou a dar por ela, mesmo depois de o homem ter comprado o panfleto, que ela colocou num envelope encerado.

— O senhor é colecionador? — perguntou, curiosa.

— Não. — Ele abanou a cabeça. — O meu amor. — Fez sinal para a janela da frente, onde Hazel viu a mulher que o acompanhava, o seu rosto agora erguido para o sol. — Ela está apaixonada por Auden, e é um presente de casamento.

— «O tempo dirá apenas que bem te avisei.» — Hazel citou Auden com um sorriso.

— Essa é uma das minhas preferidas — disse ele. — Mas a frase preferida dela é «Que o amor maior seja o meu.»

— Ah, que maravilha — embeveceu-se Hazel. — Muitas felicidades.

Quando terminou a conversa com o noivo apaixonado, Edwin já tinha saído para fazer um recado e Tim estava agachado a reorganizar uma prateleira de livros infantis que tinham sido espalhados pelo chão por uma criança desacompanhada.

Antes que pudesse voltar para a sala das traseiras, o som metálico da campainha da porta preencheu o espaço, e Hazel virou-se para dar de caras com a sua melhor amiga, Kelty, e a sua filha, Midge, uma fada de 8 anos.

Sorriu para Midge, de pernas compridas e corpo ainda a tentar recuperar o atraso, o cabelo ruivo a querer libertar-se das duas tranças; uma réplica de Kelty quando a conheceu há tantos anos, durante a retirada.

As imagens surgiam-lhe muitas vezes dessa forma — velozes como beija-flores —, lembranças daquele dia de setembro, frio e límpido, o dia em que saíram de Bloomsbury para embarcar nos comboios.

— Tia Hazel! — Midge abraçou a cintura de Hazel. — A mamã disse que eu podia comprar dois livros hoje na Foyles. Dois!

— Bem, isso é muito bom — disse Hazel, inclinando-se enquanto Kelty a cumprimentava com um beijo na cara.

— Estávamos a voltar da escola e pensámos em passar por cá.

Kelty usava um vestido esmeralda com cintura subida e sapatos de couro envernizados. Parecia mais uma aluna do que uma mãe. O cabelo ruivo estava apanhado num rabo-de-cavalo alto com uma fita verde larga. Todos os homens olhavam para ela duas vezes, alguns até três.

Midge pôs-se em bicos de pés.

— Vou para as traseiras olhar para o *Swallows and Amazons*, já que não me deixam tocar-lhe — anunciou.

— Agora não, meu amor — disse Kelty. — Temos o teu pai à espera. — E depois para Hazel: — Sabes que esta paixão que ela tem pelos livros é culpa tua, não sabes?

— Aceito o mérito de bom grado. — Hazel fez uma vénia falsa com um movimento amplo da mão na direção de Midge, que se riu.

— Porque não vens connosco? — perguntou Kelty, esperançosa.

Hazel acenou com a cabeça para a sala das traseiras.

— Ainda tenho trabalho a fazer.

— Estava-se mesmo a ver. Bem, só passámos por aqui para te ver no teu último dia de trabalho na Hogan's. Não podemos deixar de assinalar a data, verdade?

Hazel dá um beijo na bochecha da afilhada e puxa-lhe suavemente o rabo-de-cavalo.

— Vemo-nos amanhã? Hoje, vou jantar com a mãe e o Alastair.

— Boa sorte — disse Kelty, com um abraço.

Hazel ficou a vê-las sair, com Kelty a segurar na mão de Midge enquanto esta saltitava porta fora. Uma onda de amor e arrependimento tomou conta dela. Amava-as profundamente. Sempre resistira a ter filhos, uma família, mas agora havia uma nova

vida a desabrochar. Ela e Barnaby estavam finalmente a falar em casamento.

Havia tanta coisa boa pela frente. Depois de tanta perda no passado.

Com Tim na sala principal, Hazel voltou para os pacotes que a aguardavam na sala das traseiras. Pousou a mão no volume retangular do último pacote. *O último*, observou para si mesma, antes de se rir da sua abordagem dramática a uma tarefa tão simples.

A caixa de cartão tinha chegado da América com os selos vermelhos do correio aéreo. Hazel tirou a fita e deu de caras com um portefólio encadernado em pergaminho e envolto em fita de veludo vermelho. Percebia sempre quando um livro tinha sido guardado por dinheiro ou por amor, e este tinha sido por amor.

Puxou a ponta da fita e esta caiu suavemente.

Com as luvas brancas calçadas, abriu o portefólio e viu um monte de desenhos pintados à mão em papel de algodão grosso, cada um separado por papel de seda.

A ilustração no topo era uma representação ternurenta de duas meninas de mãos dadas a correr por densos bosques cor de esmeralda, com tranças esvoaçantes e vestidos cobertos de rosas amarelas. Do lado direito, um rio. Ao fundo, um castelo branco refulgente onde flâmulas vermelhas e verdes esvoaçavam do topo das torres.

A respiração de Hazel ficou suspensa no seu peito. De repente, sentiu-se tonta, desorientada. Sentiu um arrepio na nuca. O seu mundo afunilou-se no monte de ilustrações que estavam em cima da mesa de pinho.

Inclinou-se para mais perto. O que era? O que tinha aquele desenho que a fazia sentir que podia mergulhar naquela cena, naquele mundo tão obviamente mágico? Pequenas criaturas do bosque — tâmiãs, pássaros, esquilos, borboletas, castores — espreitavam por entre folhas verde-menta e ramos nodosos. Uma coruja, grande e imponente, empoleirada num galho sobranceiro, vigiava as meninas.

Hazel estremeceu.

O rio, visto mais de perto, brilhava com o que pareciam ser estrelas.

Estrelas.

Um rio de estrelas.

Hazel pousou as mãos protegidas por luvas brancas sobre a mesa para se estabilizar. Não era possível. Claro que não. Ela estava a fantasiar. A dramatizar. Claro que haveria outros mundos imaginários com rios estrelados. Claro que sim.

Levantou cuidadosamente o monte de papéis grossos e espreitou o livro que estava por baixo. O título: *O Bosque dos Sussurros e o Rio das Estrelas*. Por Peggy Andrews.

A capa verde e azul continha uma ilustração das meninas.

— Não pode ser — disse Hazel, calmamente. — Não.

O Bosque dos Sussurros era seu e da sua irmã há muito desaparecida, Flora. Era um reino privado que ambas haviam criado, um mundo de faz-de-conta que as ajudava a suportar o pior da guerra, um lugar onde encontravam algum conforto que era praticamente inexistente no mundo real.

E tinha desaparecido com Flora no rio.

Pela primeira vez em vinte anos, no mais puro assombro, Hazel disse o nome em voz alta.

— O Bosque dos Sussurros.

CAPÍTULO 3

Setembro de 1939

Hazel e Flora estavam sentadas na relva macia do seu quintal em Bloomsbury, Inglaterra. O apartamento estava demasiado silencioso, demasiado sombrio. O rádio tinha sido desligado para o caso de haver más notícias que a mãe não queria que as filhas ouvissem; a mãe que tinha os olhos inchados das lágrimas que tentava esconder. Elas ouviam-na através das grossas paredes de gesso, a chorar até adormecer, se é que chegava a dormir.

Mas naquela tarde, no quintal, foram brindadas por um dia luminoso que lhes trouxe algum alívio. As folhas douradas, castanhas e vermelhas atapetavam a relva, cercada por paredes de tijolo mais altas do que o seu pai. O espaço fechado não era maior do que a sala de aula de Hazel na Bloomsbury School. As meninas estavam à espera de que a mãe voltasse para casa do seu turno no Royal Voluntary Service. Dissera às filhas que se recusava a ficar de braços cruzados quando a Grã-Bretanha precisava dela.

As bombas poderiam cair do céu a qualquer momento. Na escola, Hazel assistia a filmes pouco nítidos projetados na tela de enrolar, imagens a preto-e-branco de aviões no céu, que abriam as suas barrigas para libertar cilindros que caíam no chão e explodiam em chamas destruidoras. Hazel imaginava as

bombas a cair sobre si, sobre a irmã, sobre a casa, sobre a mãe... sobre todo o seu amado Bloomsbury.

Todas as manhãs, Hazel acordava sã e salva, mas perguntava-se se seria aquele o dia. Seria aquele o dia para o qual se preparavam na escola, o dia para o qual os cartazes afixados nos candeeiros de rua de Londres alertavam, o dia em que as crianças seriam enviadas para um lugar seguro, para longe das suas mães, dos seus apartamentos e de tudo aquilo que conheciam e amavam?

Era a chamada Operação Flautista de Hamelin, um nome de conto infantil para uma ideia perfeitamente atroz.

Hazel ouviu dizer que algumas famílias tinham enviado os filhos para junto dos familiares na América, mas os Lindens não tinham tias ou avós distantes em lugares seguros. Ela queria ser corajosa, mas a ideia de deixar Bloomsbury, Mecklenburgh Square e o seu apartamento de dois quartos na mansão do parque oval com os caminhos iluminados por candeeiros deixava-a nervosa e insone. Se as bombas chegassem a cair do céu, não percebia qual era a importância de ir para outro sítio qualquer. O céu cobria a Terra inteira. Não tinha onde se esconder.

Enquanto Flora dormitava no seu colo, a recordação do dia em que o pai partiu intrometeu-se como um visitante indesejável, o que acontecia muitas vezes quando ela estava mais sossegada.

— Fazes demasiadas perguntas e pensas demasiadas coisas — disse-lhe o pai com uma gargalhada. Estava diante de Hazel e Flora com o seu casaco militar verde. — Não aborreçam a vossa mãe com muitas perguntas. Guardem-nas para a escola. Ela já tem muito com que se preocupar sem ter de procurar respostas a perguntas obscuras. — Inclinou-se e beijou a testa de Hazel, com um sorriso meigo e triste só para ela.

Hazel acenou com a cabeça por entre as lágrimas, mas na verdade só lhe apetecia gritar:

— Não vás! Se fores, será o fim de tudo!

Ela sabia que era verdade. Mas não tinha conseguido impedir nada do que estava prestes a acontecer, porque lá fora soou uma buzina e, através da parede envidraçada, ela viu o grande carro preto parado junto ao seu apartamento em Londres, à espera do papá. A chuva fria caía em rajadas, fustigando os vidros das janelas.

Hazel agarrara-se à manga da farda rígida do papá e Flora, de 4 anos, agarrara-se à sua perna esquerda, de modo que, se saísse porta fora, acabaria por arrastá-las pelos degraus de mármore até ao pavimento molhado da chuva que dava para a praça do jardim. A mãe deixou-se estar atrás das duas irmãs, sem sequer tentar esconder o choro.

— Meninas, o vosso pai tem de se ir embora.

— Não — respondeu Flora com simplicidade e segurança.

O papá agachou-se e pegou em Flora, era a única maneira de ela lhe soltar a perna, e a filha acariciou-lhe o pescoço. O seu cabelo preto e espesso, herança irlandesa, estava escondido debaixo do boné castanho-azeitona. Hazel tinha inveja da sua irmã mais nova, mas sabia que era demasiado crescida para ser abraçada daquela forma pelo pai. Em vez de chorar como a mãe, Hazel congelou as palavras presas sob uma camada de gelo tão fria e prateada como as bordas do lago redondo de Kensington Gardens no inverno.

O papá soltou os braços de Flora do seu pescoço e beijou-lhe as faces antes de a entregar à mãe.

— Prometo voltar para as minhas filhas. — Olhou para a mãe com um desespero tal, que Hazel não pôde deixar de esperar que um dia um homem olhasse para ela da mesma forma. — Adoro-vos a todas. Sejam boazinhas. Ajudem a vossa mãe, façam o que ela diz. Vemo-nos em breve. Cuidem umas das outras. — O seu rosto estremeceu como se um pequeno terramoto estivesse a acontecer debaixo da pele, e isso, mais do que a sua partida, fez com que Hazel se sentisse tonta, aterrorizada.

Depois de muitos beijos, ele virou costas. Tinha saído pela porta com todas as promessas de voltar, mas aquela foi a última vez que o viram. Enquanto fazia a formação na RAF, um motor defeituoso explodiu e ceifou-lhe a vida.

Passou um ano desde então. Hazel, a mãe e Flora ficaram de pé, de braço dado, durante algum tempo, depois de o papá pôr mochila militar castanha ao ombro e fechar a porta atrás de si. Por fim, a mãe expirou e limpou as lágrimas da cara com as costas da mão.

— Bem, meninas, está na hora de pôr a mesa. O jantar está quase pronto.

E Hazel pensou, *é assim que vai ser. Fazemos de conta. Fingimos que está tudo bem e continuamos com os nossos jantares e os nossos dias até ele voltar*. Mas o telegrama da sua morte chegou apenas uma semana depois e, desde então, a casa e o mundo ficaram mais sombrios e silenciosos. A guerra aproximava-se e elas sentiam o seu hálito no ar.

O papá tinha partido para sempre e as suas mochilas estavam feitas e à espera, com máscaras de gás penduradas nas correias como monstros de nariz arrebitado. Tinham-lhes sido entregues na escola — a de Hazel, muito escura, e a de Flora, a versão pré-escolar, uma máscara vermelha e azul do Rato Mickey, concebida para evitar que as crianças se assustassem. Mas foi em vão. Elas eram assustadoras.

Agora, no quintal com Flora, Hazel não queria pensar em partidas, mas esse era o único pensamento que preenchia a sua mente.

— Conta-me uma história — pediu-lhe a irmã, quando acordou e se espreguiçou, aninhando-se a Hazel e enfiando o ursinho de peluche esfarrapado debaixo do braço. Flora era muito doce, com os seus caracóis loiros revoltos, grandes olhos castanhos, e umas pestanas exuberantes que quase lhe tocavam nas sobrancelhas. Um pontilhado de sardas cobria o seu nariz e bochechas. Tinha um sinal de nascença característico na parte

interna do braço, a cinco centímetros da parte interna do pulso. Hazel dizia que os sinais castanhos pareciam orelhas de coelho; a mãe achava que eram asas de borboleta e o pai, asas de anjo. A mãe chegou a dizer a Hazel que a avó tinha um sinal igual, e que era uma dádiva ancestral, não um defeito. Naquela noite, sozinha na casa de banho, Hazel examinou o seu corpo, ou o máximo que conseguiu ver, à procura do seu próprio sinal ancestral. Não encontrou nenhum.

Todas as tardes, Hazel ficava a tomar conta da irmã, sem que isso fosse um incómodo. Essa era a parte fácil. O difícil era pensar em histórias novas.

As flores do quintal pareciam não querer largar as cores do verão. As centáureas e as cenouras-bravas curvavam-se rente ao chão, enquanto as alfaces da horta da mãe murchavam em tons de castanho. As roseiras derramavam flores cor-de-rosa e vermelhas junto ao muro de tijolo que partilhavam com os vizinhos de três lados. Hazel inspirou, enquanto sentia as palavras a crescer e a subir pelo peito.

— Não há muito tempo e não muito longe daqui, existiu e ainda existe um lugar invisível.

Flora riu-se com prazer. As histórias pareciam ser a chupeta de Flora, a forma como Hazel conseguia fazer com que sua irmã mais nova sossegasse a energia inesgotável que a mantinha inquieta. Era a solução para a angústia de Flora e para as suas noites sem dormir, o sobressalto a cada barulho e sirene: histórias. Era assim que se superava o medo.

Flora, com o seu ceceio de 5 anos, perguntou:

— É invisível e está perto daqui?

— Sim! Está mesmo ao nosso lado e, por incrível que pareça, está também noutro lugar.

Hazel teve noção disso mesmo naquele momento: ninguém decidiria onde ficariam até ao fim da guerra. Seria ela mesma a decidir. Ainda não sabia muito sobre aquele novo lugar. A descoberta viria com o desenrolar da história.

— Como pode um lugar estar em dois sítios? — indagou Flora.

— Magia — respondeu Hazel, com naturalidade. — Neste lugar, tudo pode acontecer, podemos ser o que quisermos — disse, enquanto batia palmas. — Há um rio cheio de estrelas que passa por lá.

— Quero ir lá. — Flora sentou-se direita e deixou cair o *Berry* no chão. — Como vamos para lá?

— Fica atenta às portas secretas. Estão escondidas por todo o lado, e só são visíveis para aqueles que são dignos. — Hazel fez uma pausa. — Felizmente, nós somos dignas.

Flora sorriu e sentou-se mais direita.

— Podemos ir?

— Sim!

— Onde fica?

Hazel olhou para o céu limpo à procura da resposta, confiante na sua imaginação. Pensou na Terra do Nunca, no País das Maravilhas, no Bosque dos Cinquenta Hectares. Era preciso voar ou cair para chegar a esses lugares secretos.

— Debaixo das pedras? — Flora inclinou-se para a frente e encostou as mãos ao relvado irregular. — Ou é lá muito no alto, acima dos aviões?

— Não — disse Hazel, resoluta, embora não pudesse dizer de onde lhe vinha a certeza. Foi então que viu um brilho iridescente na borda dos lençóis brancos estendidos ao sol. — Está sempre aqui, mas nós só podemos vê-lo quando entramos pela porta. Olha! — Hazel apontou para o castanheiro com os seus ouriços castanhos cobertos de espinhos verdes pendurados nos ramos. — A entrada brilha porque a luz se esgueira pela porta. O ar estremece.

— Tenho medo — disse Flora.

— Não tenhas. É certo que alguns bosques são assustadores, mas o nosso não é. É mágico e pertence-nos. Este mundo está do nosso lado. É... seguro.

Flora torceu o nariz e pegou na pata do seu esfarrapado ursinho *Berry* com o polegar e o indicador e esfregou-a.

— Como se chama o lugar? — sussurrou Flora. Os seus olhos pareciam ainda maiores do que o normal.

Hazel imaginou um bosque, um rio, um castelo bem distante. Nesse lugar, não havia guerras ou desgostos. Podiam fazer o que quisessem, ser o que quisessem. Flora puxou as pontas dos caracóis de Hazel.

— Hazel, como se chama?

A escolha do nome não podia ser feita de ânimo leve. Flora, Hazel e a mãe, *Camellia*, todas tinham nomes de plantas. *Lea* e *Mersey*, os seus nomes do meio, eram uma homenagem aos rios da infância dos seus pais.

— Não se esqueçam — disseram-lhes o pai —, vocês são fruto da terra e da água. De ambas. E também do amor. Do nosso amor. — E depois puxou a mãe para junto de si com tanta força que ela corou e afastou-o.

O nome daquele novo mundo surgiu a Hazel como uma oração, um nome que já existia, que tinha esperado por elas, um nome de segredos, da terra e dos rios, tal como as duas irmãs.

— Chama-se o Bosque dos Sussurros e o Rio das Estrelas. — Hazel pegou na mão da irmã e ambas se levantaram e caminharam até junto do castanheiro. Passaram as mãos pelos sulcos entrelaçados da casca, e sentiram-nos ásperos nas palmas das mãos. — Fecha os olhos — instruiu Hazel, e as irmãs sentaram-se novamente na relva, com Flora aninhada em Hazel como um cachorrinho. — Este mundo é feito de flores, rios e árvores, tal como nós.

— Quero ir já para lá! — declarou Flora.

— Assim que passarmos pela porta, podemos ser o que quisermos. Vamos ter uma aventura, mas temos de regressar aqui, a não ser que...

— A não ser que o quê? — sussurrou Flora. — E se nos perdermos?

— Ninguém se perde no Bosque dos Sussurros.

— Podemos ficar lá? — Olhou para Hazel, e a luz do Sol filtrada pelas folhas desenhou-lhe um rendilhado de sombras no rosto.

Hazel ponderou durante alguns instantes.

— Ao princípio, não... talvez um dia, quando escolhermos o que queremos ser. Mas só nessa altura. — Aproximou-se da árvore, na esperança de encontrar uma reentrância, algo por onde pudessem entrar e que as levasse dali. Por cima delas, um melro, solitário e lamurioso, com o bico cor de laranja a espreitar por entre as folhas esmeralda, entoava o seu chilreio característico. Flora olhou para cima.

— O que vamos ser? Pássaros?

— Saberemos quando chegar a altura. Não descansaremos até encontrarmos aquilo que nos está destinado.

— Será que nós as duas vamos ser a mesma coisa? — Flora chegou-se mais à irmã, como se isso garantisse que se tornariam iguais. — Eu posso ser um pássaro e tu uma doninha.

Hazel soltou uma gargalhada.

— Uma doninha? Porquê?

Flora aproximou-se mais.

— Porque tu cheiras mal.

Hazel afastou a irmã.

— Para!

— Mentira — disse Flora, e aproximou-se mais. — E agora, o que fazemos?

Por vezes, quando Hazel criava histórias para Flora, o que se seguia na narrativa surgia como um segredo que só ela podia ouvir. Outras vezes, a história escondia-se nas sombras, indisponível para se revelar. Hazel disse a verdade à irmã.

— Não sei. Talvez sejamos a mesma coisa, talvez não. Mas posso dizer-te que há sempre uma coruja a olhar por nós.

— Como entramos?

Uma nuvem baixa tapou o sol como um lençol de linho e ambas estremeceram antes de Hazel dizer:

— Para entrar, temos de sussurrar o seu nome três vezes. *Bosque dos Sussurros. Bosque dos Sussurros. Bosque dos Sussurros.* — Fez uma pausa para criar suspense. — Chegámos, finalmente — disse Hazel. — Não é lindo, Flora? Os bosques são verdes, e o rio brilha com estrelas e... olha! Ali à frente está o castelo!

— O que somos? O que somos? O que somos? — guinchou Flora, impaciente.

— Nós somos... azulões!

Hazel entreabriu um olho para espreitar a irmã e sentiu o calor a espalhar-se pelo peito, debaixo das costelas. Flora recostou-se na relva e sorriu, com os olhos tão fechados que toda a sua carinha estava enrugada. Levantou os braços e agitou-os. Sim, era aquela a solução para fugir aos anseios e ao medo.

A voz de Hazel guiou-as por florestas com galhos tão desconunais e robustos que pareciam capazes de agarrar e levantar as duas irmãs. Na margem do rio, observaram deslumbrantes constelações flutuantes e cometas sob a água cristalina que corria rapidamente.

— Hoje, vamos conhecer o esquilo de casaco vermelho — explicou Hazel. — Olha, Flora, estamos a sobrevoar a floresta, acima da copa das árvores. É ali que o Tamisa desagua no mar. Conseguimos ver tudo.

Ficaram as duas juntas, em silêncio, e tornaram-se pássaros. Desfrutaram do seu próprio mundo, nas suas mentes. Enquanto batia as asas sobre um mundo vibrante criado por si, Hazel percebeu que encontrara uma história interminável, que podia ser contada vezes sem conta.

Perdidas no seu mundo imaginário, as irmãs assustaram-se quando a mãe chamou por elas.

Hazel e Flora abriram os olhos e viram a mãe de pé, a pairar sobre elas, cercada por um nimbo criado pela luz do Sol. Trazia um vestido florido cor-de-rosa e amarelo e os longos caracóis cor de âmbar caíam-lhe pelas costas, animados pelo vento.

Haveria mãe no mundo mais bonita do que a delas? Hazel duvidava.

Mas havia algo de errado. Com o batom vermelho a riscar a sua pele de alabastro, a boca da mãe era uma linha trémula que se esforçava para ficar direita. Os olhos estavam vigilantes e o lápis preto, esborratado.

Na mão, tinha um quadrado de papel creme, que se agitava ao sabor da brisa.

CAPÍTULO 4

Março de 1960

Hazel pegou no livro intitulado *O Bosque dos Sussurros* com muito cuidado, como se este pudesse desintegrar-se nas suas mãos. A ilustração da capa era encantadora e fantástica, mas sugeria perigo. O rio refulgia como se esperaria de um rio feito de estrelas.

Flora.

Estaria a sua Flora viva? Estaria a sua irmã algures a contar esta história ao mundo?

Desnorteada, Hazel virou o livro e leu a sinopse.

Sempre que avistam uma porta cintilante invisível aos olhos de terceiros, as gémeas órfãs Audrey e Janey Burton escapam à crueldade do orfanato onde vivem. Cruzada essa entrada, as irmãs dão por si no Reino do Bosque dos Sussurros, onde podem tornar-se a pessoa ou coisa que mais desejam. Mas após cada aventura, Audrey e Janey têm de regressar aos quartos sombrios do Orfanato Shire... mas só até descobrirem quem estão destinadas a ser no Bosque dos Sussurros.

«Shire.»

Ela e Flora viveram em Oxfordshire durante a retirada das crianças de Londres. Hazel abriu a primeira página.

Dedicatória: A Linda Andrews, minha mãe, que é o começo de todas as boas histórias.

Quem raio era Linda Andrews? Ela não podia conhecer esta história. Ninguém sabia nada sobre esta história. Sim, o desaparecimento da sua irmã de 6 anos tinha sido notícia nos jornais quando ocorreu, em 1940: o facto de se ter perdido durante o Blitz, quando ambas tinham sido enviadas para o campo para viver sem os pais, à semelhança de tantas outras crianças de Londres.

Ninguém quis acreditar que Flora teria desaparecido no ar — ou no rio Tamisa, a fazer fé na polícia. Na altura, o terror da guerra era a ameaça iminente, não o desaparecimento de uma menina.

Naquela manhã de outono de 1940, quando Hazel e Flora saíram do chalé dos Aberdeens e percorreram o caminho serpenteante de urze húmida do bosque para se sentarem no amplo prado verde marginal ao rio Tamisa, Hazel não tinha prestado atenção às mensagens silenciosas e secretas da natureza que Bridie Aberdeen lhes tinha ensinado.

Se o tivesse feito, teria reparado que o rio estava excepcionalmente cheio, após a tempestade da noite anterior, correndo desenfreado ao lado das irmãs e arrastando com celeridade os galhos retorcidos que elas atiravam para a água.

É possível que o corvo de olhos castanhos que olhava para elas, enquanto grasnava numa conversa quase humana, fosse um mensageiro da desgraça. Ou que a coruja, que nos últimos dias piava durante o dia, quisesse lembrar-lhes que prestassem atenção.

Na noite anterior, o sono tinha chegado com uma relutância tal que Hazel teve vontade de expulsar a irmã da cama para poder tê-la só para si. Seria possível que fosse *aquela* a causa do que tinha acontecido, o facto de Hazel ter desejado que a irmã desaparecesse, nem que fosse por instantes, antes de cair no sono?

Mas, apesar de todos os detalhes que contemplava em retrospectiva, durante os vinte anos que passara a dissecá-los como borboto de uma camisola, Hazel ainda acreditava que havia deixado escapar uma dica, uma pista, uma pegada, uma nota, algo que

um dia viria à tona e resolveria o mistério do desaparecimento de Flora.

Agora, na sala das traseiras da pequena Hogan's Rare Book Shoppe, o passado atormentava-a. Há vinte anos que procurava a irmã, desde que esta desaparecera quando tinha 6 anos do vilarejo de Binsey, e agora Hazel tinha uma pista, algo a que se agarrar e que não tencionava largar.

Enfiou os outros pacotes dentro do cofre, fechou o ferrolho e girou a combinação. Só tinha um pensamento: *Este livro vai levar-me até à Flora.*

Hazel fechou o portefólio do *Bosque dos Sussurros*, atou a fita de veludo e guardou tudo na sua pasta de cabedal. Com o coração a bater descompassado, saiu pela porta das traseiras da Hogan's Rare Book Shoppe, deixando a pesada porta de metal bater atrás de si.

A tarde de primavera estava turva com nevoeiro; um véu entre o presente e o passado. Saiu a correr do beco de calçada para a frente da livraria. Um grupo de oito turistas com sapatos pesados e impermeáveis amarelos seguia uma guia robusta que entrava na livraria. Através do vidro ondulado da janela, Hazel viu Tim ao balcão, com a cabeça inclinada sobre um livro-razão. Levantou os olhos quando o grupo entrou.

Hazel não se podia deixar ver, por isso desatou a correr pela calçada. Passou pelas bicicletas azuis, verdes e vermelhas que estavam estacionadas lado a lado ou encostadas umas às outras na banca de aluguer. Os londrinos passavam por ela como se nem existisse.

As explicações possíveis para o embrulho que trazia na pasta assolavam-na a uma velocidade estonteante; uma tempestade que tentava aprisionar num dedal. Será que Peggy era mesmo Flora? Teria Flora contado a história a alguém? Teria ela conseguido sobreviver, como sempre fora a ténue esperança de Hazel e da mãe?

Virou para Charing Cross e continuou a correr em direção ao Museu Britânico, e daí para a sua casa de Bloomsbury, em

Mecklenburgh Square. Passou a correr pela farmácia com o toldo vermelho-escuro e pelo café com mesas de ferro onde os casais se juntavam para beber cerveja. Atravessou a verdejante Mecklenburgh Square até chegar às mansões georgianas cercadas pelos seus relvados bem cuidados, as árvores pontilhadas por rebentos primaveris.

Hazel entrou no apartamento que fora a sua casa de infância. O edifício tinha sido construído com a grandiosidade do século XIX, e depois transformado em apartamentos quando os londrinos optaram por bairros mais chiques. No final da década de 1930, o papá tinha conseguido comprar o melhor apartamento para a família. Sobreviveu aos bombardeamentos e às guerras, embora fossem visíveis as cicatrizes de uma época traumática para todos os londrinos: a Segunda Guerra Mundial.

Hazel reparava sempre nas cicatrizes quando se aproximava daquele edifício claro, com a alvenaria ligeiramente manchada, as colunas ornamentadas que uniam o segundo ao terceiro andares, as grades e portões de ferro de tinta lascada que protegem as portas reluzentes pintadas de preto e as janelas altas, uma das quais ainda estava estilhaçada por causa de um bombardeamento antigo. Ela nunca desviava o olhar. Desviar o olhar era negar aqueles dias, negar inclusivamente a perda de Flora.

Tirou as chaves da pasta, abriu a porta e entrou a correr.

O apartamento de Hazel ficava no rés-do-chão, uma preferência do papá. Frisos em gesso ornamentavam as sancas dos tetos altos, com janelas que se abriam para um quintal e uma sala de estar suficientemente grande para que estantes de pinho embutidas cobrissem todas as paredes, assim como ambos os lados da lareira de pedra, manchada por décadas de fuligem.

Hazel despiu a gabardina verde e pendurou-a no cabide junto à porta da rua. A mobília do apartamento tinha sido comprada numa loja de artigos em segunda mão ou herdada da mãe; confortável, macia, e quase toda coberta por tecido florido, como se a mãe de Hazel quisesse trazer o jardim para dentro de casa.

Havia livros por todo o lado, em prateleiras descaídas, mesas de apoio, empilhados contra a parede.

A correspondência, que tinha sido atirada por uma abertura na porta, estava espalhada pelo chão. Revistas. Contas. Publicidade a um novo clube de *jazz* no Soho. Hazel pegou na papelada e pousou-a na mesinha de centro. A capa brilhante da *Vanity Fair* com a fotografia de uma mulher num fato e chapéu amarelos com uma braçada de narcisos. E o slogan da revista: «Para a mulher jovem e inteligente.»

Hazel riu-se. Jovem. Inteligente. Claro.

A mãe oferecia-lhe a subscrição da revista todos os anos, no Natal, na esperança de que Hazel lesse os artigos sobre moda, casamentos e feminilidade. Ela nunca lia. E nesta edição: «Dezassex páginas de roupas de viagem para a noiva!» E, por amor de Deus, mais um artigo de *As Crianças Perdidas do Flautista de Hamelin*, de Dorothy Bellamy, que todos os meses falava de uma criança que se perdera durante a retirada das crianças londrinas. Há um ano que a jornalista chata perseguia Hazel para falar com ela sobre Flora.

Hazel deitou a revista para o lixo a caminho da cozinha. Nunca responderia a perguntas sobre aquele dia e aquela noite a alguém além da sua família e do inspetor que esteve presente no dia em que Flora desapareceu, o homem com quem ela ainda mantinha contacto, Aiden Davies.

Atravessou impetuosamente o piso de pinho até à ampla cozinha amarela e pousou a sua pasta de cabedal na mesa de pequeno-almoço de carvalho antes de acender a luz do teto. Por cima do lava-loiça, uma janela dava para um beco nas traseiras, onde um muro de pedra separava a sua casa da dos vizinhos. A hera crescia ao longo do muro em ruínas onde estavam encostados dois caixotes do lixo, como dois bêbados que tinham colapsado a meio caminho de casa. Pôs a chaleira de porcelana azul no fogão de dois bicos, acendeu o gás e ficou à espera da melodia vaporosa da chaleira.

Tinha de se acalmar ou acabaria a respirar para dentro de um saco de papel. Ligou o rádio e sintonizou uma estação de música barroca. A chaleira cantou e ela deitou a água a ferver sobre a saqueta de chá Darjeeling que já estava na sua chávena de porcelana preferida, a que tinha florzinhas cor-de-rosa à volta da borda. Juntou duas colheres de açúcar e recordou a época em que o racionamento a privara desse luxo.

Tirou o embrulho da sua pasta de cabedal e colocou-o em cima da mesa, marcada por anos de golpes de faca, manchas de tinta e uma ou duas amolgadelas causadas pela queda de um tacho.

Abriu o embrulho, desatou o laço e pôs o monte de ilustrações de lado. Pegou no livro. Na lombada, podia ler-se: Henry-Todd Publishing, Nova Iorque, Nova Iorque. Olhou para a badana. Não encontrou a habitual fotografia sorridente do autor. Hazel queria procurar traços de Flora no rosto e feições da escritora. A sua biografia resumia-se ao seguinte: *Peggy Andrews vive em Massachusetts. Este é o seu primeiro romance.*

Era como se a quisessem manter em segredo; como se... seria possível... que estivessem a esconder a sua verdadeira identidade? Podiam muito bem tentar, mas aquela tal Peggy estava a contar a história de Hazel, e Hazel estava determinada a encontrá-la.

Verdade seja dita que havia algumas pessoas que poderiam ter ouvido as conversas de Hazel e Flora sobre o mundo secreto do Bosque dos Sussurros. Mas eram poucas. E não teriam fugido para a América para escrever a história.

Pois não?

A única coisa a fazer é ler o livro.

Deve haver uma explicação racional.

— *Se nasceste digna — e todos nascemos, mesmo que não o saibamos —, encontrarás o teu caminho através da clareira da floresta até às portas que te esperam. Quando entrares, encontrarás um mundo feito à tua medida — disse Audrey à sua irmã, Janey.*

O início não era exatamente o mesmo — as palavras tinham mudado ligeiramente em relação à abertura que Hazel usava

sempre como um feitiço quando contava a história a Flora. Prosseguiu com a leitura.

As duas irmãs estavam sentadas num jardim banhado pelo sol em cima de um cobertor vermelho-vivo, numa breve pausa do Orfanato Shire, onde a Madame Nariguda aguardava pelas amoras que as incumbira de apanhar.

Hazel riu-se. Madame Nariguda! Um nome arrojado — sem dúvida que aquilo não fazia parte da história original de Hazel. Parece que há que contar com alguns floreados. Mas o jardim e o cobertor vermelho... isso era de Flora e dela.

— Todos nascemos com esta consciência — disse Audrey. — Mas os adultos, com as suas feridas e as suas listas e as coisas triviais que lhes parecem importantes, mas que na realidade não têm importância nenhuma, perdem essa consciência. Deixam que a dor, a perda e a mágoa bloqueiem as portas.

Janey sussurrou:

— Mas as crianças lembram-se.

Com a música do rádio a subir e a descer de intensidade, com o doce chilrear dos pássaros lá fora e o chá a arrefecer ao seu lado, Hazel leu a história de duas meninas chamadas Audrey e Janey que viviam numa terra à beira de uma baía, em Cape Cod, Massachusetts.

As meninas vasculharam arbustos de arandos e baías em busca de portas cintilantes que conduzissem a outro mundo. Não era Inglaterra, mas havia um rio de estrelas e colinas agrestes com urze, penhascos, rochedos e pedras. E havia também dunas de areia que invadiam praias extensas e lagoas com tartarugas e peixes gigantes, e lagos de grande profundidade.

As ilustrações em cada página realçavam a história com clareza e fantasia.

À medida que a história se desenrolava, as meninas iam conhecendo personagens de contos de fadas. Conheceram Hansel e Gretel e avisaram-nos para não entrarem no bosque, explicando-lhes que seriam fechados e alimentados com doces

por uma velha que os queria comer. Algumas páginas mais à frente, as duas irmãs encontraram a Branca de Neve e disseram-lhe para não comer maçãs.

Ao mudarem o rumo destas narrativas, as irmãs criaram finais melhores. Finais de que gostavam. Os três porquinhos podiam assar o lobo para o jantar e a Caracolinhos de Ouro podia adotar os três ursos. As órfãs de Peggy Andrews não se limitavam a passear pelo Bosque dos Sussurros e a apreciar as vistas, estavam a mudar histórias centenárias para se adequarem às suas fantasias.

Duas horas depois, Hazel recostou-se na sua cadeira. Esta autora americana conhecia a sua história secreta. Será que a tinha ouvido de Flora? Ou que fosse esta a autora? Claro que tinha mudado algumas partes, mas a verdade é que estamos a falar da memória de uma criança de 6 anos.

Fechou a capa. «Como é possível que tu existas?»

Ao longo dos anos, enquanto sentia a ausência de Flora como uma ferida aberta no seu coração e o zumbido latente da perda e do mistério sob a pele, Hazel muitas vezes se perguntou se o Bosque dos Sussurros tinha continuado sem ela e sem Flora, se o mundo que tinham criado juntas embarcara nas suas próprias aventuras enquanto ela vivia a sua vida real. O Bosque dos Sussurros era fantasia, em tudo semelhante a qualquer um dos livros que Hazel tinha amado, *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, *Peter Pan*, *O Hobbit* ou *As Crónicas de Nárnia...* mas o Bosque dos Sussurros tinha-se esfumado no tempo.

Hazel ainda pensou em escrever o conto num dos seus muitos cadernos, mas atirou os seus escritos de infância no rio após o desaparecimento de Flora. Tinha considerado voltar a espreitar pela porta cintilante para ver se o seu mundo tinha sobrevivido. Sempre que sentia essa vontade, porém, era assolada por um grande medo.

Porque visitaria o mundo que lhe levara Flora? Ou o bosque que a pôs em perigo, o rio onde possivelmente a sua irmã se afogou?

Não obstante, de alguma forma, o rio dos seus sonhos e as suas histórias tinha chegado à América. Com mil diabos, o que devia ela fazer agora?

Podia ter ignorado o livro. Podia ter guardado o romance e as ilustrações no cofre de Edwin, descartado a estranha sincronicidade do conto de fadas, atribuindo a sua existência ao inconsciente universal de que falava Jung, o mistério da imaginação.

Mas não conseguia ignorar o formigueiro da sua curiosidade.

Não havia dúvidas. Este era o seu Bosque dos Sussurros.

Como poderia encontrar a autora? Não havia muitas opções. Podia telefonar para a editora ou cruzar o oceano de avião e percorrer todo o estado de Massachusetts. Não podia simplesmente telefonar para uma telefonista nos Estados Unidos e perguntar: «Conhece uma Peggy Andrews em Massachusetts?» Haveria uma lista telefónica dos residentes daquele estado na Biblioteca Britânica? Se houvesse, quantos Andrews encontraria?

Hazel espalhou as ilustrações originais sobre a mesa. Eram obras belíssimas; artigos de colecionador; exemplares únicos. Foi então que sentiu a verdade a martelar-lhe no peito: tinha saído do seu local de trabalho sem dizer uma palavra, trazendo consigo ilustrações valiosas assinadas pela proeminente Pauline Baynes, ao nível das de Nárnia, juntamente com uma primeira edição assinada de um conto de fadas. Tinha acabado de cometer um crime.

Edwin podia ter ligado para a Scotland Yard por menos do que tinha acabado de fazer.

Uma ladra, porém...

Este era o *seu* conto de fadas.

Pertencia-lhe.

E à Flora.

Levar o livro e a coleção de ilustrações era, na melhor das hipóteses, irrefletido e, na pior, um crime. Mas Flora era a razão pela qual Hazel ainda atentava em cada sussurro e momento arrepiante, na vibração de uma qualquer ausência ou do chamamento de uma pega, na maneira como uma amiga mexia o chá

no sentido dos ponteiros do relógio ou ao contrário. Dentro de si, uma vigilância incessante mantinha-a atenta a livros que lhe caíam nas mãos ou a letras de canções que a impressionavam, ao pio de uma coruja durante o dia que podia significar algo raro. O seu coração mantinha-se alerta, mesmo que inconscientemente, a tudo aquilo que pudesse indicar o caminho para Flora.

1939. NUMA LONDRES ARRASADA PELA GUERRA, Hazel, de 14 anos, e Flora, de 5, são transportadas para uma zona rural para escapar aos horrores do conflito. Vivendo agora com a gentil Bridie Aberdeen e o seu filho adolescente, Harry, numa encantadora casa de pedra na margem do Tamisa, Hazel preenche os dias com passeios e jogos para distrair a irmã mais nova, entre os quais um conto de fadas sobre uma terra mágica, um lugar secreto, só delas, a que chamam Bosque dos Sussurros. Um dia, porém, a pequena Flora desaparece repentinamente junto ao rio. Destruída, Hazel culpa-se pelo sucedido e carrega essa culpa para a vida adulta como um fardo que sente merecer.

Vinte anos depois, Hazel encontra-se em Londres, pronta para deixar o seu trabalho numa acolhedora livraria de livros raros e seguir carreira na Sotheby's. Com um namorado maravilhoso e um elegante apartamento em Bloomsbury, o futuro de Hazel parece estar bem encaminhado. A sua vida, todavia, é voltada do avesso quando recebe um livro ilustrado chamado *O Bosque dos Sussurros e o Rio das Estrelas* — referências ao mundo imaginário que criara para Flora. Poderá esse livro revelar algo sobre o desaparecimento da irmã? Ou ser um sinal de que ainda esteja viva?

Um romance arrebatador e original sobre o vínculo entre irmãs, as dificuldades do amor e a magia duradoura das histórias.

«Uma história encantadora que combina conto de fadas, mistério e valor histórico com um toque virtuoso de amor.»

New York Journal of Books



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897876301



9 789897 876301 >